



REGULAÇÃO

Cibercrime já é a maior ameaça à estabilidade financeira

Depois da incerteza regulatória, e de dois anos consecutivos de “bancos sombra”, é agora a segurança cibernética, ou a falta dela, que é vista pelos agentes dos mercados como a principal ameaça à estabilidade financeira.

PAULO MOUTINHO

paulomoutinho@negocios.pt

As ameaças à segurança cibernética passaram a liderar as preocupações dos agentes dos mercados. São, de acordo com o inquérito realizado pela International Organization of Securities Commissions (IOSCO), o maior risco para a estabilidade financeira, passando à frente da “banca sombra” que se destacou nos últimos dois anos. O cibercrime surge como o principal receio, a par da busca por retornos levada a cabo pelos investidores num contexto de taxas zero.

“Em termos de estabilidade financeira, as ameaças à segurança cibernética dos mercados financeiros são agora consideradas um risco proeminente” pelos participantes neste inquérito que foi conduzido entre os meses de Março e Abril deste ano. O inquérito, o quarto realizado pela IOSCO, tem como objectivo “ajudar a identificar bolsas de risco que podem não ser captadas pela normal análise estatística ou pelo ‘research’” da IOSCO, o regulador dos reguladores dos mercados.

De acordo com este “Staff Working Paper”, os cerca de 1.000 inquiridos “consideram que qualquer brecha na segurança cibernética poderá ser uma séria e constante ameaça para o ecossistema dos mercados. Adicionalmente, as questões de cibersegurança estão a emergir numa base cada vez mais frequente, pelo que a indústria está vulnerável a qualquer novo tipo de risco que, muitas vezes, pode ser difícil de mitigar e conter”.

“A cada vez maior dependência dos mercados accionistas, em particular, e do sistema financeiro, em geral, em sistemas computadorizados



É crescente a preocupação com sistemas interconectados com a internet.

e interconectados com a internet dá azo a uma crescente preocupação de que qualquer falha na segurança poderá ter repercussões sistémicas”, refere este documento em que a busca por retornos surge a par nos riscos identificados pelos inquiridos no que respeita à estabilidade financeira. Em 2014 e 2013, o principal risco era a “banca sombra”, depois de em 2012 ter sido a incerteza regulatória.

“O desequilíbrio entre os custos associados ao lançamento de um

ataque cibernético face aos de defender-se desses ataques é bastante grande”, refere o inquérito. Em última análise, este desequilíbrio “afecta o âmbito do quadro regulatório, o que significa que os reguladores terão de ser tecnologicamente mais experientes para que consigam monitorizar esta área”. Neste sentido, existe a necessidade de “estratégias transfronteiriças coordenadas para identificar, gerir e reagir a questões de cibersegurança”. ■

“Conduta danosa” ameaça investidores

O inquérito realizado pela IOSCO não se ficou, desta vez, pelas ameaças à estabilidade financeira. Ao quarto ano, este foi alargado para incluir também os riscos para a protecção dos investidores. “Os participantes no inquérito identificaram como principal risco a conduta danosa”, revela. Mas a este junta-se também a fraca explicação dos riscos associados aos investimentos, com “uma grande maioria dos inquiridos a revelar inadequada informação que leva investidores a comprar produtos ou serviços com risco superior ao que pretendiam”. E há ainda o problema dos produtos vendidos no retalho, junto de pequenos investidores. “Muitas das respostas dos inquiridos sobrepueram-se com os anteriores temas. Revelaram sentir problemas de venda de produtos de extrema complexidade/opacidade aos investidores”. O relatório conclui que “muitos produtos são desenhados para serem relevantes no ponto de venda em vez de serem para trabalharem no planeamento de investimento do investidor”. E conclui: “isto aumenta a probabilidade de os produtos falharem em ser uma solução para os investidores”.

1.000

INQUÉRITO

Os resultados do “Staff Working Paper” resultam de inquéritos realizados a 1.000 pessoas, entre Março e Abril.